



Desenho teórico sobre as iniciativas de turismo de base comunitária em comunidades tradicionais no território brasileiro

Arijane-Adne Santiago Alves¹ - Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-4585-367X>

Glairton Cardoso Rocha² - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1706-7338>

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Teresina-Piauí, Brasil *

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Teresina-Piauí, Brasil **

Artigo recebido em 23/11/2024 e aceito em 28/11/2024

RESUMO

Este artigo teve como objetivo discutir, à luz da literatura científica, as características do Turismo de Base Comunitária e de que forma elas contribuem para a dinâmica de comunidades tradicionais, dentro de um contexto nacional. Trata-se de uma análise bibliográfica elaborada a partir de publicações indexadas nas principais plataformas científicas como SciELO e Google Acadêmico, cuja busca ocorreu entre maio e junho de 2024. Os achados da pesquisa foram categorizados, apresentados e discutidos em três categorias, que se apresentam nos quatro tópicos de discussão que formam o desenvolvimento deste artigo: Formas de organização do TBC em comunidades Tradicionais; Impactos socioculturais do TBC em comunidades tradicionais; Relações entre visitantes e comunidades receptoras; e principais desafios e oportunidades para o desenvolvimento do TBC em comunidades tradicionais. A pesquisa possibilitou concluir que, apesar de grandes desafios que as comunidades tradicionais enfrentam para o desenvolvimento do turismo de base comunitária, este tem se mostrado como uma estratégia viável para essas comunidades, possibilitando geração de renda, protagonismo de atores locais, manutenção dos modos de vida peculiares de cada povo e equilíbrio ambiental.

Palavras-chave: comunidades tradicionais; desenvolvimento sustentável; impactos socioculturais; turismo de base comunitária

* Aluna do Programa de Mestrado em Análise e Planejamento Espacial (IFPI). Email: aneadne@gmail.com

** Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí. Email: glairtongeo@ifpi.edu.br

Theoretical design on community-based tourism initiatives in traditional communities in brazil

ABSTRACT

This article aims to discuss, in the lighth of scientific literature, the characteristics of community-based tourism and how they contribute to the dynamics of traditional communities, within a national contexto. This is a bibliographic analysis prepared from publications indexed in the main scientific platforms such as SciELO and Google Scholar, whose search took place between May and June, 2024. The research findings were categorized, presented and discussed in four categories, which are presented in the four discussions topics that form the development of this article: forms of organization of CBT in traditional communities; sociocultural impacts in traditional communities; relations between visitors and host communities; and main challanges and opportunities for the development of CBT in traditional ccommunities. The research made it possible to conclude that, despite the gret challanges that traditional communities face in developing community-based tourism, it have proven to be a viable strategy for these communities, enabling income generations, protagonism for local players, maintenance of the unique ways of life of each people and environmental balance.

Keywords: traditional communities; sustainable development; sociocultural impacts; community-based tourism.

Diseño teórico sobre iniciativas de turismo comunitário em comunidades tradicionais del territorio brasileño

RESUMEN

Este artículo tuvo como objetivo discutir, a la luz de la literatura científica, las características del turismo de base comunitaria y como contribuyen a la dinàmica de las comunidades tradicionales, dentro de um contexto nacional. Se trata de un análisis bibliográfico elaborado a partir de publicaciones indexadas em las principales plataformas científicas como SciELO y Google Scolar, cuya búsqueda se realizo entre mayo y junio de 2024. Los resultados de la investigación se clasificaron, presentaron y discutieron em tres categorías, los cuales se presentan em los cuatro temas de discusión que forman el desarrollo de este artículo: formas de organización de TBC em comunidades tradicionales; impactos socioculturales de la TBC em las comunidades tradicionales; relaciones entre visitantes y e comunidades anfitrionas; e principales desafíos y oportunidades para el desarrollo del TBC em comunidades tradicionales. La investigación permitió concluir aque, a pesar de los grandes desafíos que enfrentan las comunidades tradcionales em el desarrollo del turismo comunitário, esta há demostrado ser uma estratégia viable para estas comunidades, ya que permite la generación de ingresos, protagonismo de los actores locales, mantenimiento de las formas de vida peculiares de cada pueblo y equilibrio ambiental.

Palabras clave: comunidades tradicionales; desarrollo sostenible; impactos socioculturales; turismo comunitario.

INTRODUÇÃO

O turismo de base comunitária (TBC) é manifestado por pequenas empresas e organizações familiares que ofertam produtos e serviços turísticos com base nos recursos e práticas locais (Aguilar; Reis, 2020). Diferente do turismo de massa, o TBC apresenta a população local como protagonista do planejamento, execução e controle das atividades turísticas.

Além disso, o TBC é uma ferramenta importante para enfatizar o valor do patrimônio ambiental local, devido sua capacidade de promover o conhecimento de práticas das comunidades tradicionais a respeito do espaço que em habitam e por possuírem uma relação identitária com a natureza (Almeida; Emmendoefer, 2023).

Tais características do TBC são bastante vantajosas para os povos e comunidades tradicionais que, segundo a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - PNPTC (Brasil, 2007) consiste em grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, possuindo formas próprias de organização que transmitem pela tradição os seus conhecimentos, inovações e práticas gerados. Esses grupos se organizam de formas distintas, ocupam e usam territórios e recursos naturais para manter sua cultura, tanto no que diz respeito à organização social quanto à religião, economia e ancestralidade (Oliveira; Sauer, 2021).

Por essas características, turistas vêm procurando cada vez mais destinos que lhes proporcionem contato com diferentes culturas, buscando vivências em elementos representativos das comunidades como danças, gastronomia, arquitetura, religiosidade, artesanato, musicalidade, dentre outros (Brasil, 2010). Assim, os povos e comunidades tradicionais apresentam-se como um atrativo significativo para os turistas, especialmente para aqueles que veem na apreciação do modo de vida do outro, um diferencial em relação às suas vivências habituais.

Neste sentido, as comunidades tradicionais passaram a vislumbrar no turismo uma fonte de recursos para sua sobrevivência, sendo o TBC uma das formas de se alcançar esse objetivo através de suas premissas, pois trata-se de um modelo de gestão que lhes garante o protagonismo das atividades turísticas. Além disso, o TBC preza pela preservação do meio ambiente e pela manutenção da cultura e modo de vida de uma comunidade, propiciando vivências reais de cada uma delas. Tais características do TBC o tornam uma prática que se enquadra com maestria no contexto do turismo em comunidades tradicionais.

A partir desse contexto, este trabalho traz o seguinte questionamento: como se desenham as iniciativas de Turismo de Base Comunitária em grupos tradicionais no território brasileiro? Diante desta pergunta norteadora, o objetivo desta pesquisa é discutir, à luz da literatura científica, as características do

TBC e de que forma elas contribuem para a dinâmica de comunidades tradicionais, dentro de um contexto nacional.

Para tanto, realizou-se uma pesquisa exploratória qualitativa por meio de uma revisão da literatura que trata sobre o tema, cuja busca ocorreu em plataformas digitais como SciELO e Google Acadêmico, nos meses de maio e junho de 2024. A leitura de títulos e resumos resultou em uma amostra final de 20 artigos que são abordados neste trabalho. Os achados da pesquisa foram categorizados, apresentados e discutidos em três categorias, que se apresentam nos quatro tópicos de discussão que formam o desenvolvimento deste artigo: Formas de organização do TBC em comunidades Tradicionais; Impactos socioculturais do TBC em comunidades tradicionais; Relações entre visitantes e comunidades receptoras; e principais desafios e oportunidades para o desenvolvimento do TBC em comunidades tradicionais.

METODOLOGIA

O presente trabalho parte de uma abordagem metodológica qualitativa, caracterizada como exploratória quanto ao ponto de vista de seus objetivos. Com relação aos procedimentos, é bibliográfica, tratando-se de uma revisão integrativa da literatura existente (Prodanov; Freitas, 2013). Um levantamento bibliográfico que busca avançar no conhecimento sobre um tema a partir da sintetização de estudos e articulação de suas ideias de forma analítica e reflexiva, extrapolando os conhecimentos pré-existentes sobre o assunto (Sousa; Silva; Carvalho, 2010).

Os resultados desta pesquisa foram oriundos da análise de artigos que tratam de iniciativas de TBC em comunidades tradicionais no Brasil, abordando as formas de organização e as principais características destas. Para definição do escopo da pesquisa, buscou-se trabalhos que tratassem de turismo de base comunitária em comunidades tradicionais, conforme conceito adotado pela Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - PNPCT (Brasil, 2007).

Foram selecionados para análise artigos originais, de acesso livre, publicados na íntegra em língua portuguesa, entre o período de janeiro de 2016 a dezembro de 2023, e que tratam de iniciativas de TBC em comunidades tradicionais, dentro do território brasileiro. Foram excluídos os resumos de artigos, artigos publicados em língua estrangeira, publicados até dezembro de 2015 e que não tratassem da temática proposta. A busca ocorreu nas bases de dados como SciELO e Google Acadêmico, entre maio e junho de

2024. A coleta permitiu reunir 87 artigos que, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão descritos acima e leitura dos resumos e palavras-chaves, foram selecionados 20 trabalhos, descritos no Quadro 1.

Quadro 1 – Identificação dos Artigos selecionados para o estudo. Fonte: Dados da Pesquisa, 2024

Nº	TÍTULO	AUTORIA E ANO	PERIÓDICO
01	Entre Mangues e Guarás: o Turismo de Base Comunitária na Ilha do Lençóis em Cururupu (MA).	Pinheiro; Souza (2024)	Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)
02	Governança e representatividade dos povos tradicionais: perspectiva intersetorial das políticas de Turismo e Educação Ambiental em Mato Grosso do Sul.	Grechi; Bassinello; Gonzalez (2024)	Revista Cocar
03	Dimensões da Hospitalidade no Turismo de Base Comunitária: simbologias, ritos e artefatos na casa de farinha em Mangabeira	Budel; Severini; Rejowski (2023)	Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo
04	Turismo em comunidades tradicionais da Bahia: desafios e perspectivas	Vieira, et al (2022)	Turismo e Sociedade
05	O processo de organização para o turismo nas comunidades ribeirinhas da Reserva Amanã, AM	Coelho; Gontijo (2022)	Turismo e Sociedade
06	O turismo como um bem comum e o papel da juventude em sua gestão no quilombo de Ivaporunduva no Vale do Ribeira, São Paulo, Brasil.	Martins; Futemma (2022)	Desenvolvimento e Meio Ambiente
07	Turismo em territórios indígenas: desenvolvimento e impacto sociocultural na Comunidade Indígena Nova Esperança “Pisasú Sarusawa” (Rio Cuieiras -Amazonas).	Proença; Panosso Netto (2022)	Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo
08	Educando para o turismo de base comunitária em contexto de quilombo urbano: o caso do território Cabula	Silva; Matta; Alves (2024)	Revista de Gestão e Secretariado
09	Turismo de base comunitária quilombola na Bahia (Brasil): Uma práxis educativa decolonial e transmoderna.	Cardoso; Bomfim (2022)	Turismo e Sociedade
10	Turismo de Base Comunitária em Remanescentes de Quilombos no Vale Do Ribeira, São Paulo, Brasil.	Silva; Gomes; Faria (2021)	Turismo, Desarrollo y Buen vivir. Revista de Investigación de la Ciencia Turística
11	Reflexões sobre o turismo de base comunitária e os povos indígenas à luz do caso Pataxó (Bahia, Brasil).	Neves (2021)	Revista Turismo em Análise

12	Sustentabilidade ambiental em comunidades de pescadores inseridas em destino turístico: o caso da Ilha Mem de Sá – Brasil.	Faxina; Freitas; Trevizan (2021)	Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade
13	Ecoturismo de Base Comunitária na Comunidade Quilombola Furnas da Boa Sorte, Corguinho (MS): planejamento e sustentabilidade	Benites; Mamede (2020)	Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)
14	Limites e possibilidades no desenvolvimento de estratégias de Turismo de Base Comunitária em um território quilombola.	Arruda; Gonçalves (2020)	Interações (Campo Grande)
15	Saberes e Modos de Vida: por um Projeto Coletivo de Turismo de Base Comunitária na Comunidade Ribeirinha São Gonçalo Beira Rio, Mato Grosso, Brasil	Alcântara; Duarte (2020)	Desenvolvimento em Questão
16	TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA Uma Alternativa de Segmento Turístico Sustentável de Serra Grande – Uruçuca-BA	Lima; Jesus Anjos (2020)	Revista Latino-Americana de Estudos Científicos
17	Turismo indígena, protagonismo e desenvolvimento local: experiência na terra indígena Jaquiri, Médio Solimões, AM	Rosa, et al (2020)	Revista Turismo em Análise - RTA
18	O turismo de base comunitária como perspectiva para a preservação da biodiversidade e aspectos culturais da Serra dos Alves, Itabira (MG).	Ferreira; Cordeiro; Calazans (2019)	Research, Society and Development
19	O turismo é uma dádiva? Uma “etnografia das trocas” e a oferta da experiência “chamada” Turismo de Base Comunitária em Anã/Santarém/Pará.	Assis; Peixoto (2019)	Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo
20	A relação entre atores e seus impactos: o caso do turismo em comunidades indígenas brasileiras.	Corbari; Bahl; Souza, (2018)	Caderno Virtual de Turismo

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A análise e discussão dos resultados se encontra na seção seguinte, cujos achados são apresentados em quatro categorias, a saber: Formas de organização do TBC em comunidades Tradicionais; Impactos socioculturais do TBC em comunidades tradicionais; Relações entre visitantes e comunidades receptoras; e Principais desafios e oportunidades para o desenvolvimento do TBC em comunidades tradicionais. Fora elaborado ainda um quadro resumo, contendo a síntese dos resultados da pesquisa, de acordo com as categorias citadas anteriormente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Formas de organização do TBC em comunidades tradicionais

O termo comunidade, no delineamento de pesquisas referentes ao TBC em comunidades e povos tradicionais, denota, na maioria dos casos, a noção da identidade intrínseca ao habitante da zona rural, conferindo direitos comuns de residência e uso dos recursos relacionados ao território. Por meio da formação dessas comunidades, os povos são estimulados a se organizarem politicamente e a realizarem o manejo dos recursos naturais, desenvolvendo atividades econômicas não predatórias (Coelho; Gontijo, 2022). Observa-se então um grande movimento no território brasileiro de comunidades tradicionais que vem se organizando em torno de atividades turísticas de características comunitárias.

A atividade turística dentro dessas comunidades acontece de forma muito peculiar, com um ritmo lento de progressão, e muitas dependem de agentes externos para sua manutenção. Nesse sentido, tem-se observado iniciativas de TBC em comunidades tradicionais que surgiram ou que buscaram a atuação de Organizações Não Governamentais, Universidades e outras instituições (Assis; Peixoto, 2019; Budel; Severini; Rejowski, 2023; Pinheiro; Souza, 2024; Proença; Panosso Netto, 2022). Tais relações fortalecem o turismo nessas comunidades e fornecem apoio no tocante a cursos, capacitações, divulgação, elaboração de estudos de potencialidades, relatórios, dentre outros fomentos.

É muito comum também a presença de agências de turismo ou de viagens que fazem parcerias no intuito de estabelecer rotas turísticas e demanda para esses locais (Martins; Futemma, 2022; Pinheiro; Souza, 2024; Proença; Panosso Netto, 2022). Arruada e Gonçalves (2020) veem a presença de agências de turismo com otimismo em termos de benefícios e oportunidades, podendo inserir as comunidades receptoras nas rotas turísticas e divulgando tais iniciativas. Já Coelho e Gontijo (2021) veem a presença de tais atores externos como uma forma de neocolonialismo que exercem uma forma de controle da atividade turística, oferecendo apenas um modesto complemento aos meios de subsistência locais.

Vieira *et al* (2021), ao estudar o TBC em 27 comunidades tradicionais (quilombolas, povos indígenas e comunidades de pescadores e marisqueiros) na Bahia, observaram que se articulam por meio de redes, seja por sua própria organização e planejamento local como também em nível estadual. Assim, diversas iniciativas apresentaram mais de uma comunidade tradicional participante. Iniciativas como essa,

também podem ser observadas nos trabalhos de Alcântara e Duarte (2020); Assis e Peixoto (2019); Budel, Severini e Rejowski (2023); Cardoso e Bomfin (2022),

Um dos pilares do TBC é o protagonismo local, este deve ser incentivado para que os moradores da localidade assumam a função de gestores, e não apenas como participantes ou objetos desse turismo, e, o que se vê é o desejo de assumir esse papel. Ao entrevistar 22 moradores da comunidade quilombola Furnas da Boa Sorte em Corguinho (MS), Benites e Mamede (2020), demonstram que a maioria (99,5%) tem interesse em participar do processo de ecoturismo de base comunitária, seja por meio de participação em qualificações, formações, ou oferecendo serviços como hospedagem domiciliar, camping, refeições, ou produtos como artesanato, produtos culinários, dentre outros.

Observou-se que, nessas comunidades, impera uma forma de organização de trabalho e tarefas do tipo setorizada, onde existem grupos que são responsáveis por tarefas específicas, como produção artesanal, recepção e hospedagem, alimentação, guias turísticos, dentre outros. Tal forma de organização pode ser contemplada nos trabalhos de Martins e Futemma (2022), Proença e Panosso Netto (2022).

Algumas comunidades tradicionais estão inseridas em Unidades de Conservação e tem seus direitos como a posse do território e liberdade para exercer seu modo de vida, assegurados (Coelho; Gontijo, 2022; Pinheiro; Souza, 2024; Silva; Gomes; Faria, 2021). Outro fato interessante que merece destaque é a forma de hospedagem nesses locais, que ocorre, muitas vezes, nas próprias casas dos moradores (Budel; Severini; Rejowski, 2023; Proença; Panosso Netto, 2022). Essa forma de recepção e acomodação possibilita ao turista um contato ainda mais profundo com o dia-a-dia dos povos tradicionais, pois são integrados nas atividades simples do cotidiano familiar. Nesses núcleos, o visitante participa ativamente da rotina da comunidade, desde a coleta de matéria prima para a produção de artesanato, preparo dos alimentos, encontros e rituais religiosos, dentre outros.

Pinheiro e Souza e (2024) observaram um sentimento forte de coletividade em uma comunidade de pescadores artesanais, onde perceberam uma cultura estabelecida de mobilizações conjuntas em prol dos objetivos comuns, fato este também observado por Coelho; Gontijo (2022) e por Neves (2021). Perceberam ainda a formação e atuação de lideranças locais que são responsáveis por engajar os demais na busca por melhorias e resoluções de conflitos. Viu-se também que existem espaços de reunião e tomada de decisões (Martins; Futemma, 2022), com reuniões presenciais. Tais encontros estão imersos na complexidade da

própria identidade da comunidade e da atividade turística ali desenvolvida que envolve planejamento, controle, manutenção dos espaços e resoluções de conflitos.

Impactos socioculturais do TBC em comunidades tradicionais

O TBC tem sido o principal modelo de gestão turística recomendado as diferentes comunidades tradicionais no Brasil (Faxina; Freitas; Trevizan, 2021; Ferreira; Cordeiro; Calazans, 2019), visto que, segundo Proença e Panosso Netto (2022), em sua origem, em 1980, como turismo rural comunitário (TRC), foi mobilizado por comunidades indígenas e campestres devido às pressões mundiais do mercado turístico sobre os seus patrimônios culturais e naturais.

O sentimento e sensação de pertencimento e territorialidade é muito forte nessas comunidades e pesquisadores têm se ocupado em estudar os impactos socioculturais no turismo nesses locais. Proença e Panosso Netto (2022), por exemplo, pesquisaram os impactos socioculturais do turismo na comunidade indígena Nova Esperança (Rio Cuieiras – AM), principalmente quando gerenciado por uma agente externo, e identificaram um número maior de turistas em relação à população local, além do efeito demonstração/exibição e geração de renda somente para algumas das famílias diretamente vinculadas ao turismo e artesanato e comercialização da arte/cultura vinculado ao modelo vertical e exógeno do turismo. Por outro lado, observaram que houve uma adesão maior de pessoas da comunidade que se incorporaram à atividade de artesanato, devido ao aumento da procura pelos turistas.

Uma preocupação constante nos estudos de turismo, principalmente os de caráter antropológico, é a aculturação. O contato, direto ou indireto, dos grupos envolvidos no sistema turístico pode conduzir a mudanças culturais. No entanto, alguns estudos defendem que as relações contínuas, de longa duração, tal qual acontece no turismo, não levam necessariamente ao desaparecimento de diferenças culturais, ao contrário, tais relações são organizadas para manter essas diferenças, provocando uma acentuação das especificidades por meio de uma defesa simbólica das fronteiras identitárias (Corbari; Bahl; Souza, 2018).

Proença e Panosso Netto (2022) ressaltam que as mudanças de valores, crenças e ideias acontecem quando são agregados novos elementos, por meio de intervenções ou inovações culturais, do empréstimo de elementos culturais ou por falhas na transmissão do conhecimento de uma geração para outra. Assim,

alguns impactos negativos podem ser observados, como o aumento da violência na comunidade (Pinheiro; Souza, 2024) com relatos de turismo desordenado, disputas fundiárias e especulação imobiliária.

Corbari, Bahl e Souza (2018), destacam a importância da cultura para o setor do turismo nesse contexto, pois são como um chamariz para a atividade, onde o simbolismo se torna explícito através de rituais, os quais confirmam e reforçam a identidade social e o sentimento de pertencimento a um coletivo e, conseqüentemente, aumenta a conscientização a respeito das diferenças entre grupos. Nesse quadro, Arruda e Gonçalves (2020) ressaltam a importância que o sagrado ocupa no cotidiano dessas comunidades, da sua influência na construção de uma identidade e de uma relação com o território e com a natureza que o integra.

Diante disso, o TBC pode trazer um efeito sociocultural positivo. Vivenciar tal ancestralidade por meio de rituais, religiosidade, dentre outros aspectos culturais, e transmiti-los para os visitantes, de modo que estes se sintam integrados com os modos de vida, pode fortalecer e enraizar ainda mais tais aspectos nessas comunidades, uma vez que são revividos elementos importantes da cultural local. Isso ocorre devido a demanda turística por vivências originais e profundas, trazendo um efeito revitalizante e de resgate que envolve os mais jovens da comunidade, garantindo a manutenção e sobrevivência de toda uma identidade cultural.

Relações entre visitantes e comunidades receptoras

No que tange às relações entre as comunidades receptoras e seus visitantes, vale ressaltar que essas variam a cada caso, devendo-se, pois, evitar generalizações e levar em consideração as especificidades de cada comunidade e o perfil de seus visitantes. Corbari, Bahl e Souza (2018) defendem que na relação entre visitantes e prestadores de serviços de atividades turísticas, o relacionamento será sempre assimétrico, mesmo havendo entre eles a mesma formação cultural e consigam se relacionar, considerando que essa relação está pautada no tempo livre versus trabalho, bem como na distinção entre produção e consumo.

Budel, Severini e Rejowski (2023) tratam da hospitalidade como um processo que se dedica às relações sociais que se desenrolam entre o ser que recebe (anfitrião) e o ser que é recebido (hóspede) em um determinado espaço. Para os autores, ela se relaciona com a história, a cultura e as sociedades de cada lugar. No turismo de base comunitária, e no modo que ocorre nas comunidades tradicionais, essa

hospitalidade tem facetas diferentes do turismo de massa que se concentra em um conjunto estreito de relações comerciais que envolvem prestação de bens e serviços, ignorando muitas vezes relações sociais mais amplas.

Outros fatores acentuam ainda mais as diferenças entre visitantes e visitados, como língua, religião e política. Corbari; Bahl; Souza, (2018) partem do pressuposto de que a interação é estabelecida de acordo com uma definição prévia de funções, responsabilidades, hierarquias e expectativas existentes em cada encontro, entendendo que a relação entre os atores sociais difere conforme interesses, poderes e expectativas de cada um.

A interação dos povos e comunidades tradicionais que abriam suas portas para o visitante turista gera certas modificações necessárias à dinâmica da comunidade. Ao receber o turista em suas comunidades, até mesmo em suas casas, os moradores começam a identificar pontos a serem melhorados, inclusive para seu próprio benefício, como por exemplo, melhor manejo de animais, melhores condições de saneamento e higiene, como apontado por Coelho e Gontijo (2022).

Outro fato observado é o nível de engajamento e interação entre quem recebe e quem é recebido e que pode variar de acordo com os costumes e a forma de organização dessas comunidades. Corbari; Bahl; Souza (2018) ao estudar a relação entre atores e seus impactos em comunidades indígenas brasileiras relatam que, em alguns casos, havia pouca interação do turista com as comunidades visitadas, havendo dificuldade em vivenciar com maior profundidade a experiência, dado que os indígenas são observados com pouca ou nenhuma interação. Já outras iniciativas mostram uma profunda imersão dos visitantes no cotidiano dos povos tradicionais como a exemplo dos roteiros turísticos na comunidade Anã em Santarém estado do Pará (Assis; Peixoto, 2019) e a atividade turística na comunidade ribeirinha de Mangabeira (Mocajuba, Pará) que gira em torno da tradição da mandiocultura (Budell, Severini e Rejowski, 2023).

Grechi, Bassinello e Gonzalez (2024) destacam o valor da educação ambiental na relação entre receptor e recebido. Segundo os autores, a educação ambiental prévia do turista poderá conduzi-lo em direção a determinados sítios turísticos em uma dada localidade e influenciar diretamente a sua experiência com o lugar e com a cultura ali. O nível de educação ambiental dos habitantes daquele local estimula o turista a mergulhar no modo de vida da comunidade, com respeito e de forma não predadora. Este fato é corroborado por Silva, Matta e Alves (2024), que afirmam que a educação para o TBC, contextualizada,

com base na educação popular e economia solidária, favorece uma mudança de paradigma e a inserção dos jovens e adultos no mercado de trabalho.

Principais desafios e oportunidades para o desenvolvimento do TBC em comunidades tradicionais

Na visão de Pinheiro e Souza (2024) há um duplo entrave em iniciativas de fomento ao TBC nessas comunidades. O primeiro diz respeito a ausência do poder público que deixa a desejar em relação a requisitos básicos de cidadania para os residentes da comunidade tais como educação, trabalho, saúde e saneamento básico; e o segundo refere-se a falta de investimentos em infraestrutura de transporte, capacitações, engajamento coletivo, abertura para financiamento e marketing promocional. Tais dificuldades também foram observadas por Alcântara e Duarte (2020) e Arruda e Gonçalves (2020).

Benites e Mamede (2020) apontam, em sua pesquisa, como principais dificuldades, a escassez de recursos financeiros e poucos incentivos que propiciem o fortalecimento das capacidades locais. Grechi, Bassinello e Gonzalez (2024) destacam que o desenvolvimento do turismo em comunidades tradicionais é mais lento e demanda apoio constante do estado, bem como a garantia de retorno financeiro para a sobrevivência dos povos, condições que exigem o estabelecimento de turismo específicas para estes atores.

Um fato destacado por Proença e Panosso Neto (2022) é que o turismo nessas comunidades, muitas vezes, é baseado num sistema de exploração que considera os povos tradicionais apenas como objetos, pessoas subalternizadas, quem “presta serviço” e, por isso, não há quaisquer responsabilidades para com aqueles povos.

Dentre as potencialidades para o TBC em comunidades tradicionais, Alcântara e Duarte (2020) destacam em sua pesquisa na comunidade ribeirinha São Gonçalo beira Rio (MS), o incentivo a diversificação da atividade turística, a abertura de locais de hospedagem, ampliação de número de vagas de trabalho, ocorrência de festividades e eventos locais e o estabelecimento de parcerias com empresas do trade turístico.

Zanetoni *et al.*, (2022) ressaltam que uma grande potencialidade diz respeito à adaptabilidade do turismo com outras atividades como por exemplo o agroturismo (turismo e agricultura) enoturismo (turismo e produção/apreciação de vinhos), dentre outros. O TBC não foge a esta premissa pois este torna as atividades comunitárias em produto turístico. Um exemplo disto foi visto com o sistema culinário da

mandioca com as casas de farinha na comunidade pesqueira de Mangabeira (TO), onde tais atividades cotidianas serviram de base para o desenvolvimento do TBC no local (Budel; Severini; Rejowski, 2023).

Cardoso e Bomfim (2022) destacam ainda que a oferta de oportunidades de geração de trabalho e renda devido as iniciativas de TBC nessas localidades tem provocado um fenômeno bastante promissor de combate a evasão de jovens que deixam suas comunidades, como quilombos estudados por Cardoso e Bomfim (Op.cit) e Silva *et al.* (2021), para tentar outros modos de vida e sustento longe de suas culturas e tradições. Este fato, deveras colabora com a manutenção dos aspectos intrínsecos dos povos tradicionais, preservando um vasto patrimônio social e cultural brasileiro.

O quadro 2 apresenta uma síntese dos achados da pesquisa, dividido em quatro partes que correspondem aos resultados do trabalho.

Quadro 2 – Síntese dos principais achados da pesquisa

Aspecto	Principais achados	Autores
Formas de organização do TBC em comunidades tradicionais	Iniciativas de TBC que contam com apoio externo	Budel; Severini; Rejowski (2023); Pinheiro; Souza (2024); Proença; Panosso Netto (2022)
	Iniciativas de TBC que tem parceria com agências de turismo	Martins; Futemma (2022); Pinheiro; Souza (2024); Proença; Panosso Netto (2022)
	Organização de trabalho e tarefas do tipo setorizada	Martins; Futemma (2022), Proença; Panosso Netto (2022).
	Iniciativas de TBC inseridas em Unidades de Conservação	Coelho; Gontijo (2022); Pinheiro; Souza (2024); Silva; Gomes; Faria (2021)
	Iniciativas de TBC em comunidades indígenas	Budel; Severini; Rejowski (2023); Corbari; Bahl; Souza (2018); Neves (2021); Proença; Panosso Netto (2022)
	Iniciativas de TBC em comunidades quilombolas	Arruda; Gonçalves, (2020); Benites; Mamede (2020); Cardoso; Bomfim (2022); Dutra <i>et al</i> (2024); Martins; Futemma (2022); Silva; Gomes; Faria (2021); Silva; Matta; Alves (2024)
	Iniciativas de TBC em comunidades de pescadores artesanais	Alcântara; Duarte (2020); Faxina; Freitas; Trevizan (2021); Pinheiro; Souza (2024);
	Iniciativas de TBC em demais (ou mais de uma) comunidades tradicionais	Assis; Peixoto (2019); Coelho; Gontijo (2021); Ferreira;

		Cordeiro; Calazans (2019); Grechi; Bassinello; Gonzalez (2024); Vieira <i>et al</i> (2021);
	Iniciativas de TBC organizadas em rede	Alcântara; Duarte (2020); Assis; Peixoto (2019); Budel; Severini; Rejowski (2023); Cardoso; Bomfin (2022); Vieira <i>et al</i> (2021)
	Liderança exercida por pessoa da comunidade, com estrutura física para reuniões de tomada de decisões	Coelho; Gontijo (2022); Martins; Futemma, (2022); Neves (2021); Pinheiro; Souza (2024)
	Hospedagem em residência dos moradores das comunidades tradicionais	Budel; Severini; Rejowski (2023); Proença; Panosso Netto (2022).
Impactos socioculturais do TBC em comunidades tradicionais	Número maior de turistas em relação à população local	Proença; Panosso Neto (2022)
	Efeito demonstração/exibição	Proença; Panosso Neto (2022)
	A presença de turistas nas comunidades receptoras provocam uma acentuação das especificidades culturais por meio de uma defesa simbólica das fronteiras identitárias	Corbari; Bahl; Souza (2018).
	mudanças de valores, crenças e ideias acontecem quando são agregados novos elementos, por meio de intervenções ou inovações culturais, do empréstimo de elementos culturais ou por falhas na transmissão do conhecimento de uma geração para outra	Proença; Panosso Netto (2022)
	impactos negativos do turismo nas comunidades receptoras: aumento da violência na comunidade, turismo desordenado, disputas fundiárias e especulação imobiliária.	Pinheiro; Souza (2024),
Relações entre visitantes e comunidades receptoras	Na relação entre visitantes e prestadores de serviços de atividades turísticas, o relacionamento será sempre assimétrico	Corbari, Bahl e Souza (2018)
	Fatores que acentuam ainda mais as diferenças entre visitantes e visitados: língua, religião e política	Corbari; Bahl; Souza, (2018)
	A interação entre turistas e comunidades receptoras provoca a identificação de pontos a serem melhorados como por exemplo, melhor manejo de animais, melhores condições de saneamento e higiene	Coelho e Gontijo (2022).
	Iniciativas de TBC com pouca interação entre turistas e moradores das comunidades receptoras	Corbari; Bahl; Souza (2018)
	Iniciativas de TBC com intensa interação entre turistas e comunidades receptoras	Assis; Peixoto (2019); Budel, Severini e Rejowski (2023)
Principais desafios e oportunidades	Desafio: ausência do poder público que deixa a desejar em relação a requisitos básicos de cidadania para os residentes da comunidade tais como educação, trabalho, saúde e saneamento básico; e o segundo diz respeito a falta de investimentos em infraestrutura de transporte, capacitações, engajamento coletivo, abertura para financiamento e marketing promocional.	Alcântara; Duarte (2020); Arruda; Gonçalves (2020); Pinheiro; Souza (2024)

Desafio: escassez de recursos financeiros e poucos incentivos que propiciem o fortalecimento das capacidades locais	Benites; Mamede (2020);
Desafio: existência de um sistema de exploração com a objetificação dos povos tradicionais	Proença; Panosso Neto (2022)
Oportunidade: incentivo a diversificação da atividade turística, a abertura de locais de hospedagem, ampliação de número de vagas de trabalho, ocorrência de festividades e eventos locais e o estabelecimento de parcerias com empresas do trade turístico	Alcântara; Duarte (2020)
Oportunidade: adaptabilidade do turismo com outras atividades como por exemplo o agroturismo (turismo e agricultura) enoturismo (turismo e produção/apreciação de vinhos), dentre outros	Budel; Severini; Rejowski (2023); Zanetoni <i>et al.</i> , (2022);
Oportunidade: combate a evasão de jovens com a manutenção dos aspectos intrínsecos dos povos tradicionais	Cardoso; Bomfim (2022); Silva <i>et al.</i> (2021)

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou discutir, à luz da literatura científica as características do TBC e de que forma elas contribuem para a dinâmica de comunidades tradicionais, dentro de um contexto nacional. Foram estudadas 20 iniciativas de TBC em diferentes localidades protagonizadas por povos tradicionais como ribeirinhos, comunidades pesqueiras, quilombolas e remanescentes, comunidades indígenas e assentamentos rurais.

Tais comunidades estão inseridas em áreas de relevante beleza natural e possuem um arcabouço cultural muito forte e, por isso, recorrem ao TBC como atividade econômica a fim de gerar renda e melhorias para suas vidas. Observou-se que projetos institucionais de TBC são difundidos a partir de seu inerente caráter multifuncional, como estratégias de desenvolvimento econômico e social associadas à conservação dos recursos naturais e a preservação dos aspectos culturais das comunidades, bem como para a manutenção da qualidade de vida.

Assim, o TBC é entendido, pela literatura estudada como uma estratégia viável para essas comunidades, ao passo que as atividades são planejadas e ordenadas pelos próprios residentes, possibilitando o empoderamento cultural e econômico com geração de renda, e o político com a autonomia das comunidades para gerir, decidir, organizar e desempenhar as atividades turísticas. Tais pontos

reverberam em diversas áreas e aspectos de tais comunidades, inclusive na melhoria da qualidade de vida local.

Estudos futuros podem investigar modelos de governança do turismo em comunidades tradicionais, considerando como suas culturas e tradições influenciam nas formas de organização. Vale ainda investigar a existência de políticas públicas específicas que venham dar suporte a estas comunidades em relação ao TBC, e como tais políticas podem facilitar a organização e formalização dessas iniciativas. Sobre os impactos socioculturais da interação que o turismo traz a estas comunidades, é necessário estudar, a longo prazo, as consequências de tais relações, principalmente na preservação de tradições e modos de vida dos povos nativos.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, A. L. D.; REYES, J. E. Family Relations and Socio-Ecological Resilience within Locally-Based Tourism: The Case of El Castillo (Nicaragua). **Sustainability**, v.12, n. 15, p. 1-26, 2020. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/12/15/5886>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- ALCÂNTARA, L. C. S.; DUARTE, A. P. P. Saberes e Modos de Vida: por um Projeto Coletivo de Turismo de Base Comunitária na Comunidade Ribeirinha São Gonçalo Beira Rio, Mato Grosso, Brasil. **Desenvolvimento em Questão**, v. 18, n. 53, p. 202–221, 6 nov. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/10346>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- ALMEIDA, T. C.; EMMENDOERFER, M. L. Turismo de base comunitária e desenvolvimento local sustentável: Conexões e reflexões. **Revista de Turismo Contemporâneo**, [S. l.], v. 11, n. 1, 2022. DOI: 10.21680/2357-8211.2023v11n1ID29163. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/29163>. Acesso em: 7 jul. 2024.
- ARRUDA, D. D. O.; GONÇALVES, J. P. Limites e possibilidades no desenvolvimento de estratégias de Turismo de Base Comunitária em um território quilombola. **Interações (Campo Grande)**, p. 107–123, 28 jan. 2020. Disponível em: <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/1968>. Acesso em 26 mai. 2024.
- ASSIS, G. C.; PEIXOTO, R. C. D. O turismo é uma dádiva? Uma “etnografia das trocas” e a oferta da experiência “chamada” Turismo de Base Comunitária em Anã/Santarém/Pará. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 13, n. 2, p. 144–160, 13 maio 2019. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/1568>. Acesso em: 29 jun. 2024.
- BENITES, M.; MAMEDE, S. Ecoturismo de Base Comunitária na Comunidade Quilombola Furnas da Boa Sorte, Corguinho (MS): planejamento e sustentabilidade. **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 13, n. 1, 2 fev. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6778>. Acesso em: 14 jun. 2024.
- BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília: Presidência da República, 2007. Disponível

em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 27 jun. 2024.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural**: orientações básicas. Marcos Conceituais do Mtur. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. – 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BUDEL, L.; SEVERINI, V. F.; REJOWSKI, M. Dimensões da Hospitalidade no Turismo de Base Comunitária: simbologias, ritos e artefatos na casa de farinha em Mangabeira. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 17, p. 2497, 16 jan. 2023. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/2497>. Acesso em: 26 mai. 2024.

CARDOSO, T. S.; BOMFIM, N. R. Turismo de base comunitária quilombola na Bahia (Brasil): Uma práxis educativa decolonial e transmoderna. **Turismo e Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 201, 15 dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/86476>. Acesso em 26 mai. 2024.

COELHO, E. D. Á.; GONTIJO, B. M. O processo de organização para o turismo nas comunidades ribeirinhas da Reserva Amanã, AM. **Turismo e Sociedade**, v. 14, n. 3, 24 mar. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/79715>. Acesso em 29 jun. 2024.

CORBARI, S. D.; BAHL, M.; SOUZA, S. D. R. D. A relação entre atores e seus impactos: o caso do turismo em comunidades indígenas brasileiras. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 18, n. 2, 20 nov. 2018. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1235>. Acesso em 29 jun. 2024.

FAXINA, F.; FREITAS, L. B. A.; TREVIZAN, S. D. P. Sustentabilidade ambiental em comunidades de pescadores inseridas em destino turístico: o caso da Ilha Mem de Sá – Brasil. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 10, n. 1, p. e16311, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/geas/article/view/16311>. Acesso em: 29 jun. 2024.

FERREIRA, D. L. G.; CORDEIRO, J.; CALAZANS, G. M. O turismo de base comunitária como perspectiva para a preservação da biodiversidade e aspectos culturais da Serra dos Alves, Itabira (MG). **Research, Society and Development**, v. 8, n. 1, p. e381507, 1 jan. 2019. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/507>. Acesso em 14 jun. 2024.

GRECHI, D. C.; BASSINELLO, P. Z.; GONZALEZ, C. E. F. Governança e representatividade dos povos tradicionais: perspectiva intersetorial das políticas de Turismo e Educação Ambiental em Mato Grosso do Sul. **Revista Cocar**, v. 23, n. Especial, p. 1–23, 11 mar. 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7946>. Acesso em: 29 jun. 2024.

LIMA, R. P.; JESUS ANJOS, L. Turismo de base comunitária: uma alternativa de segmento turístico sustentável de Serra Grande – Uruçuca-BA. *Rev. Latino-Americana de Estudos Científicos-RELAEC*. v. 1, n.3, mai./jun., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/31485>. Acesso em 14 jun. 2024.

MARTINS, M. R.; FUTEMMA, C. O turismo como um bem comum e o papel da juventude em sua gestão no quilombo de Ivaporunduva no Vale do Ribeira, São Paulo, Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 59, 3 jun. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/76646>. Acesso em: 14 jun. 2024.

NEVES, S. C. Reflexões sobre o turismo de base comunitária e os povos indígenas à luz do caso Pataxó (Bahia, Brasil). **Revista Turismo em Análise**, v. 32, n. 2, p. 413–430, 31 ago. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/185524>. Acesso em: 26 mai. 2024.

OLIVEIRA, K.; SAUER, S. Povos e comunidades tradicionais: metodologias de autoidentificação e reconhecimento. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina, 2021.

PINHEIRO, C. R. S.; SOUZA, L. E. S. D. Entre Mangues e Guarás: o Turismo de Base Comunitária na Ilha do Lençóis em Cururupu (MA). **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 17, n. 1, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/15506>. Acesso em 29 jun. 2024.

PROENÇA, A. R. G. B.; PANOSSO NETTO, A. Turismo em territórios indígenas: desenvolvimento e impacto sociocultural na Comunidade Indígena Nova Esperança “Pisasú Sarusawa” (Rio Cuieiras - Amazonas). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 16, p. 2408, 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.rbtur.org/rbtur/article/view/2408>. Acesso em: 26 mai. 2024

SILVA, J. F. DA; GOMES, B. M. A.; FARIA, A. C. V. DE. Turismo de Base Comunitária em Remanescentes de Quilombos no Vale Do Ribeira, São Paulo, Brasil. **Turismo, Desarrollo y Buen vivir. Revista de Investigación de la Ciencia Turística**, v. 15, p. 50–65, 2021. Disponível em: <https://publicaciones.udet.edu.ec/index.php/ricit/article/view/85>. Acesso em: 15 mai. 2024.

SILVA, F. D. P. S. D.; MATTA, A. E. R.; ALVES, K. Educando para o turismo de base comunitária em contexto de quilombo urbano: o caso do território do Cabula. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 15, n. 4, p. e3718, 17 abr. 2024. Disponível em: https://openurl.ebsco.com/EPDB%3Aagcd%3A7%3A29853159/detailv2?sid=ebsco%3Aplink%3Ascholar&id=ebsco%3Aagcd%3A177414900&crl=c&link_origin=scholar.google.com.br. Acesso em: 11 jun. 2024.

VIEIRA, S. *et al.* Turismo em comunidades tradicionais da Bahia: desafios e perspectivas. *Turismo e Sociedade*, v. 14, n. 3, p. 42-62 set./dez, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/359442899_Turismo_em_comunidades_tradicionais_da_Bahia_desafios_e_perspectivas. Acesso em: 29 jun. 2024.

ZANETONI, J. P. F. et al. Turismo de Base Comunitária (TBC) como fonte de renda para Assentamentos da Agricultura Familiar. **Economia & Região**, v. 10, n. 3, p. 103–120, 7 abr. 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ecoreg/article/view/45182>. Acesso em 29 jun. 2024.